

TRANSACCIONALISMO, INTERSECCIONALIDADE FEMINISTA E MÉTODO NARRATIVO: APORTES PARA A PESQUISA EM TERAPIA OCUPACIONAL E CIÊNCIA OCUPACIONAL*

Transactionalism, Feminism Intersectionality and Narrative Method: contributions for research in Occupational Therapy and Occupational Science

Transaccionalismo, Interseccionalidad Feminista y Método Narrativo: aportes para la investigación en Terapia Ocupacional y Ciencia Ocupacional

Resumo

Introdução. As investigações em terapia ocupacional e em ciência ocupacional são cada vez mais diversificadas e complexas. Atualmente, se busca superar a perspectiva única e individual focalizada, principalmente 'na pessoa', passando a considerar o contexto como parte de uma complexa trama social e coletiva. **Objetivo.** O presente artigo busca apresentar duas teorias que são úteis no âmbito investigativo da terapia ocupacional e da ciência ocupacional, uma mais consolidada na TO - o Transaccionalismo e outra que pode promover interessantes discussões em diferentes perspectivas e pesquisas, a Interseccionalidade Feminista. Além disso, nesta direção, apresenta as narrativas como uma metodologia que permite a integração de ambas perspectivas. **Método.** Foi realizada uma revisão teórica a partir de análises críticas e baseadas em pesquisas teórico-práticas. **Resultados e Discussões.** Buscamos analisar como a integração entre as perspectivas transaccionalistas, interseccionais e metodologias qualitativas, em especial os relatos de vida e narrativas, podem oferecer aportes teórico-metodológicos para a investigação em terapia ocupacional e em ciência ocupacional, de forma de produzir saberes e ações críticas, coerentes e complexas, com foco nos estudos das ocupações, necessários para nossa atualidade global. **Conclusões.** Conclui-se que as investigações que buscam caracterizar as ocupações das pessoas desde perspectivas mais complexas, poderiam integrar as perspectivas teóricas apresentadas, pois facilitam a compreensão e problematização das diferentes ocupações desde perspectivas coletivas, sociais, históricas e contextualizadas.

Palavras-chaves: Construção de conhecimento; Ciência; Interseccionalidade, Feminismo; Ocupação; Perspectiva crítica; História de vida, Transaccionalismo.

Abstract

Introduction. Research in occupational therapy and occupational science are increasingly diversified and complex, part of the search to overcome the unique and individual perspective with a central focus only on "the person", and consider the context as part of a complex structure social and collective. **Objective.** Or present paper seeks to present theories that are useful not research field of occupational therapy and occupational science, one more consolidated, the Transactionalism and another one that can promote interesting discussions in different perspectives and researches, Feminism Intersectionality. In addition, this paper presents the narratives as a methodology that allows the integration of both perspectives. **Method.** The paper is based on critical analyzes and theoretical studies, based on theoretical-practical research. **Results and Discussions.** The paper seek to analyse how the integration between the Transactionalism, Intersectionality and qualitative methodologies, especially the life stories and narratives, can offer theoretical-methodological contributions for research in occupational therapy and occupational science, in order to produce knowledge and critical actions, coherent and complex, focusing on the study of the occupations, necessary for our global news. **Conclusions.** It is concluded that the researches that seek to characterize the occupations of people from more complex perspectives, could integrate some of these theoretical aspects, because they facilitate the understanding and problematization of the different occupations from collective, social, historical and contextualized perspectives.

Keywords: Intersectionality; feminism; knowledge construction; science; occupation; critical perspective, life history; Transactionalism.

Resumen

Introducción. Las investigaciones en terapia y ciencia ocupacional son cada vez más diversificadas y complejas. Actualmente, se busca superar la perspectiva única e individual, focalizada, principalmente en "la persona", pasando a considerar el contexto como parte de un complejo entramado social y colectivo. **Objetivo.** El presente escrito busca presentar dos teorías que son útiles al ámbito investigativo de la terapia ocupacional y la ciencia ocupacional, una más consolidada en la disciplina - el Transaccionalismo y otra que podría generar interesantes discusiones en distintas perspectivas e investigaciones, la Interseccionalidad feminista. Además, junto a lo anterior, presenta las narrativas como una metodología que permita la integración de ambas propuestas. **Método.** Se realiza una revisión teórica desde un análisis crítico, basado en investigaciones teórico-prácticas. **Resultados y discusiones.** Buscamos analizar como la integración entre las perspectivas transaccionalistas, interseccionales y metodologías cualitativas, en especial los relatos de vida y narrativas, pueden ofrecer aportes teórico-metodológicos para la investigación en terapia ocupacional y en ciencia ocupacional, de forma de producir saberes y acciones críticas, coherentes y complejas, con foco en el estudio de las ocupaciones, necesarias para nuestra actualidad global. **Conclusiones.** Se concluye que las investigaciones que busquen caracterizar las ocupaciones de las personas desde perspectivas más complejas, podrían integrar algunos de estos aspectos teóricos, pues facilitan la comprensión y problematización de las diferentes ocupaciones desde perspectivas colectivas, sociales, históricas y contextualizadas.

Palabras claves: Construcción de conocimiento; Ciencia; Historia de vida; Interseccionalidad, Feminismo, Ocupación; Perspectiva Crítica; Transaccionalismo.

Ferruffino AH, Miranda VL, Morrison R, Yates GM, Silva CR. **Transaccionalismo, Interseccionalidade Feminista e Método Narrativo: aportes para a pesquisa em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional.** Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. 2019. v.3(1): 150-161 DOI: 10.47222/2526-3544.rbto17010

Almedra Herrera Ferruffino

Terapeuta ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional e Ciência da Ocupação, Faculdade de Medicina, Universidade do Chile, Santiago do Chile. almendra.hf@gmail.com

Viviana Llambias Miranda

Terapeuta ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional e Ciência da Ocupação, Faculdade de Medicina, Universidade do Chile, Santiago do Chile. viviana.llambias@ug.uchile.cl

Rodolfo Morrison

Docente do Departamento de Terapia Ocupacional e Ciência da Ocupação, Faculdade de Medicina, Universidade do Chile, Santiago do Chile. rodolfomorrison@med.uchile.cl

Gabriela Moreno Yates

Terapeuta ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional e Ciência da Ocupação, Faculdade de Medicina, Universidade do Chile, Santiago do Chile. almendra.hf@gmail.com

Carla Regina Silva

Docente do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - Brasil. carlars@ufscar.br

1 INTRODUÇÃO

As investigações em terapia ocupacional (TO) e em ciência ocupacional (CO) estão cada vez mais diversificadas e complexas. Elas têm superado a perspectiva única e individual, de ambas as disciplinas, na qual o foco centrado unicamente “na pessoa”, e passam a considerar essa pessoa em seu contexto, como parte de uma complexa trama social e coletiva. Esta perspectiva tem sido descrita como Paradigma Social da Ocupação^{1,2} e produzido perspectivas mais alinhadas e coerentes para a compreensão do objeto de estudo e intervenção da TO e da CO, na atualidade.

Nesta direção, se faz necessária a busca constante de novas teorias e perspectivas metodológicas que sustentem o desenvolvimento para a terapia ocupacional e a ciência ocupacional como disciplinas. Assim como, o transacionalismo, epistemologia muito em voga especialmente na CO, cuja relevância tem se fortalecido nos últimos anos.

Diferentes publicações³⁻⁶ têm considerado o transacionalismo como um elemento importante para as análises das ocupações das pessoas, o que evidencia sua grande contribuição para a TO e para a CO.

Por outro lado, esta perspectiva também pode ser corroborada com outras visões críticas que permitem identificar de forma mais profunda os enlaces que operam as ocupações que as pessoas desempenham em seus cotidianos. Desta forma, a interseccionalidade feminista⁷⁻¹⁰ parece resultar uma importante contribuição.

Da mesma forma, é importante a combinação de um procedimento metodológico que permite a integração dessas perspectivas, como a narrativa^{11,12}. Pois, como será apresentado neste artigo, demanda um aprofundamento da investigação que necessariamente rompe com as dicotomias das análises mais tradicionais.

Neste artigo, serão detalhados esses três conceitos - o transacionalismo, a interseccionalidade feminista e as narrativas e propomos os aportes que estes constructos podem conceder a TO e a CO.

2 TRANSACIONALISMO

A forma tradicional de estudar a ocupação, a partir das perspectivas individuais¹³ que apenas consideram a forma, a função e o significado das ocupações¹⁴, é problemática, pois implica numa dualidade dicotômica implícita entre as pessoas e seu contexto. Esta ideia se relaciona com o início dos estudos em CO, já que a ocupação era compreendida de forma individual e centrada na pessoa como único componente gerador ou “construtor” das ocupações^{15,16}.

Dickie, Cutchin y Humphry¹⁵ analisam como a ocupação tem sido estudada, desde as definições de Wilcok, Yerxa, Christiansen, Clark, Nelson, entre outros, como um elemento individual, isto é, próprio "da pessoa" e é ela quem tem a necessidade e o potencial de desempenhá-la em seu ambiente¹⁶. Estes/as autores/as referem também, que essas definições posicionam a ocupação na intersecção da pessoa e seu contexto, mas é determinada por ela mesma: "o estudo da ocupação requer o estudo da pessoa como autor de seu trabalho, descanso, entretenimento, lazer e autocuidado" (p. 10)¹⁶.

Concordamos com Dickie, Cutchin y Humphry¹⁵ que para analisar as experiências ocupacionais das pessoas é fundamental, não apenas se centrar nas experiências individuais, como também na relevância, determinação e influência dos diversos e diferentes contextos, para além da perspectiva sócio-histórica da ocupação¹⁷⁻¹⁹. Desta forma, propomos que os estudos das ocupações sejam muito mais amplos, em contraposição ao "desempenho da pessoa no ambiente", e que esta relação seja considerada ou determinada por muitos outros fatores (o que poderia se relacionar também com os princípios da perspectiva interseccional feminista que apresentaremos adiante).

Além disso, múltiplos aspectos inter-relacionados e implicados podem justificar um desempenho ocupacional particular que por sua vez, pode refletir segregação e discriminação²⁰.

Para compreender melhor, é preciso considerar que o transacionalismo nasce de uma perspectiva filosófica pragmatista. Dewey e Bentley começaram a formar este conceito de "trans-ação" com a pretensão de superar a "inter-ação", implicando o contexto, a história, as expectativas e os indivíduos de forma interrelacionadas¹⁵.

Dewey define a posição transacionalista desde os aspectos sociais, culturais e os componentes morais da ação, os posicionando como elementos essenciais para compreender a experiência humana num mundo incerto e fluído^{4,21}. Assim, podemos analisar a coordenação de funções (ação) como transação através da reestruturação dinâmica e coordenada da relação do sujeito numa situação particular, pois está *em* relação com as coisas, ou seja, centrando-se nas relações entre os objetos e não fora deles, questões estudadas na transação.

Por outro lado, Heidegger²² e Dewey²³ propõem que os significados das ocupações estejam situados nos contextos diários das pessoas e compostos por outros no mundo¹⁶. Ambos filósofos referem que esses significados se formam a partir: da pessoa que realiza a ocupação e com quem a faz; da situação em que as ocupações acontecem; e como as ocupações são contextualizadas e integradas no passado, presente e projetadas para o futuro. Heidegger e Dewey oferecem essa visão para ir além da perspectiva individual, para uma perspectiva situada no contexto da pessoa e localizada no mundo¹⁶.

3 INTERSECCIONALIDADE

A interseccionalidade feminista surge de uma crítica aos feminismos brancos das mulheres da classe média nos Estados Unidos que se concentraram nas lutas de "certas mulheres" mais visibilizadas que outras²². Neste contexto, durante a década de 1980, as mulheres negras começaram a expressar que não se identificavam com as demandas das lutas de "certas" feministas. Assim, elas perceberam que, para além de serem mulheres, haviam outras condições em suas existências que provocavam diferentes desigualdades, e que não eram consideradas nos movimentos da época⁷.

A partir desses pensamentos e inspirada por lutadoras negras desde a escravidão, Kimberlé Crenshaw mulher, acadêmica e afroestadunidense foi pioneira em cunhar o termo interseccionalidade e tornou visíveis os problemas existentes nas novas dimensões do empoderamento feminino negro¹⁰.

Em particular, uma proposta que permitiu evidenciar os diferentes sistemas e as múltiplas estruturas de opressão que influenciam as experiências cotidianas das pessoas, é a perspectiva *interseccional* de Patricia Hill Collins²⁵. Ela propõe a análise de uma matriz de dominação que sustenta todo um sistema de injustiças e inequidades com base em diferentes categorias e inter-relações.

A proposta de Hill Collins estabelece que "a interseccionalidade refere-se a formas particulares de opressão que se interligam, por exemplo, intersecções de raça e gênero, ou de sexualidade e nacionalidade", e nesse sentido, "a opressão não pode ser reduzida a um tipo fundamental, (...) as opressões trabalham juntas para produzir injustiça"²⁵ (p.18). Precisamente sua proposta reside na conceitualização dos eixos de opressão que se entrelaçam no quadro de uma matriz de dominação, a partir da qual as pessoas são constituídas em distintas e em constante trocas de posições de poder.

Esta matriz de dominação explica a interação e a interdependência entre as linhas de opressão, e adverte sobre a possibilidade de que as pessoas e grupos se encontrem em diferentes posições de opressão e desempenhando papéis de oprimido simultaneamente²⁵. Além disso, refere sobre como se organizam estas intersecções em diferentes domínios: estrutural, disciplinar, hegemônico e interpessoal, que dependem do contexto, estes domínios representam o padrão comum da organização de poder e desigualdade em qualquer sociedade.

4 MATRIZ DE DOMINAÇÃO

Hill-Collins propõe quatro condições de matrizes de dominação^{25,26}:

Domínio estrutural: Abrange a forma como as instituições (escolas, indústrias, hospitais, bancos) se organizam para reproduzir a subordinação, por exemplo das mulheres negras ao longo do tempo, através de múltiplas formas de segregação para reproduzir situações injustas de exclusão social. Como esse domínio é de grande escala, porque abarca todo o sistema e tem sido operado por muito tempo através de instituições sociais interligadas, é o próprio grupo social excluído que busca transformar as políticas e as leis através de reformas e movimentos sociais. Esta é uma estratégia importante para inclusão no grupo de domínio estrutural.

Domínio disciplinar: este domínio reforça sua importância graças à crescente "oportunidade" que gera a burocracia como modo de organização social moderna, pois tem tomado o lugar no controle das populações, especialmente através da raça, gênero e outros marcadores da diferença. Esta forma de organização torna-se altamente eficaz, à medida que reproduz a intersecção entre opressões e mascara seus efeitos. Hill-Collins também acrescenta que a vigilância a um grupo social constitui um mecanismo maior de controle burocrático e que a resistência de dentro da organização burocrática é parte de uma estratégia cessar a dominação.

Domínio hegemônico: este domínio de poder se ocupa da ideologia, da cultura e da consciência.

"Pretende justificar práticas nesses domínios de poder, manipulando a ideologia e a cultura, já que o domínio hegemônico atua como um vínculo entre instituições sociais (domínio estrutural), suas práticas organizacionais (domínio disciplinar) e o nível de interação social diária (domínio interpessoal)" ²⁵ (p. 284).

Este domínio argumenta que os grupos dominantes criam e mantêm um sistema comum de ideologias que sustentam e apoiam o direito de governar desse grupo e a manutenção de sistemas de opressão, através de currículos escolares, ensinamentos religiosos, culturas comunitárias e histórias familiares.

Domínio interpessoal: argumenta que, embora a maioria dos indivíduos tenha a capacidade de reconhecer sua própria vitimização dentro de um sistema de opressão maior, eles não percebem como seus pensamentos e ações reproduzem a subordinação de outras pessoas. Hill-Collins relata que "a dominação age seduzindo, pressionando ou forçando (...) os membros de grupos subordinados e todos os indivíduos, substituindo formas individuais e culturais de saber pelo pensamento do grupo dominante"²⁵ (p. 287). O domínio interpessoal funciona através das práticas rotineiras e diárias das relações sociais, que são sistemáticas, recorrentes e tão familiares que normalmente passam despercebidas. As estratégias de resistência neste domínio podem assumir tantas formas como indivíduos, pois entra em um nível cotidiano de ação.

É assim que o conceito de interseccionalidade revela um ônus político que posiciona agendas políticas como fontes de produção e solução de desigualdades interseccionais. Temos que pensar em que tipo de política dialógica entre os diferentes atores seria necessária para garantir que a intersecção entre desigualdades seja incluída nas agendas acadêmicas ou dos movimentos.

Esta perspectiva nos permite analisar as experiências sociais envolvidas nas ocupações, considerando que existem diversos sistemas opressivos que geram desigualdades e condições de vulnerabilidade²⁴ e que estão constantemente presentes no cotidiano através de diferentes domínios de poder.

5 MÉTODO NARRATIVO

Consideramos o método narrativo como perspectiva metodológica que permite integrar o transacionalismo e a interseccionalidade feminista. Este método, entendido como um processo de conversação, reflexão e escrita dialógica, permite a reconstrução das histórias de vida das pessoas, dando importância crucial à voz e à experiência em suas próprias histórias de vida:

As pessoas moldam suas vidas cotidianas através de relatos sobre quem são e quem são os outros, enquanto interpretam seu passado com base nessas histórias. O relato, na linguagem atual, é um portal através do qual uma pessoa se introduz no mundo, pela qual sua experiência no mundo é interpretada e se torna pessoalmente significativa¹² (p.139).

Assim que as narrativas serão o resultado de interpretações e reinterpretações conjuntas entre pesquisadores e participantes, dando importância ao caráter situado e dialógico da linguagem¹¹.

Através das narrativas é possível interpretar as diferentes experiências das pessoas enquanto executam diferentes ocupações, juntamente com suas condições de vida, contextos, sistemas de opressão e relacionamento transaccional, a partir de uma perspectiva situada e contextualizada.

Assim, ao usar o método narrativo a unidade de análise da pesquisa é traduzida a partir da narrativa das participantes¹², que pode ser interpretada e reconstruída por elas mesmas.

Por outro lado, esse método considera o vínculo que é gerado entre os pesquisadores e os participantes como um processo circular, ou seja, através da escrita dialógica há uma primeira instância na qual se recupera parte do relato, mas se devolve ao participante para obter seu retorno.

Nesse sentido, não se trata de narrar a história ou as histórias dos/as outros/as, mas narrar o diálogo produzido pela própria intervenção²⁷. Desta forma, procuramos uma ruptura na relação hierárquica tradicional entre pesquisadores e participantes.

5.1 Relatos de vida

No próprio método narrativo, é possível identificar de forma particular a abordagem dos *relatos de vida*²⁸. Isso nos permite acessar a consciência das pessoas e, ao mesmo tempo, nos permite conhecer as ações em suas vidas através da descrição de sua cotidianidade e relações sociais. Além disso, permite obter informações pessoais, pois é possível considerar detalhes da narrativa, bem como eliminar barreiras ao acesso na esfera privada das pessoas. Juntamente com isso, é possível identificar os eventos significativos presentes no contexto em diferentes situações, a fim de potencializar a reconstrução situada da experiência, sempre de uma perspectiva interpretativa²⁹.

O método narrativo dos relatos de vida enfoca o conhecimento de "histórias" na vida de pessoas ou momentos específicos de sua experiência, inclusive no relato com sua realidade social, contextos, costumes, entre outros aspectos³⁰. Desta forma, este método permite aprofundar certos momentos relevantes da vida das pessoas, juntamente com as condições que determinaram ou influenciaram estes a ocorrência destes acontecimentos²⁹. Além disso, o método enfatiza a maneira pela qual a pessoa ordena sua experiência, através de sua narrativa para conceder sentido¹¹.

As narrativas permitem uma dupla interpretação dos momentos biográficos da pessoa, sendo o *relato de vida* produzido pela enunciação por parte do participante; e a história da vida uma produção conjunta com os pesquisadores, situada no momento da sua produção e que reconstrói a narração com base em categorias²⁷.

A realização da *história de vida* e sua correspondente categorização e análises baseadas em conceitos podem ser realizadas a partir dos constructos que surgem da perspectiva feminista transacional e interseccional.

Neste sentido, essa integração permite reviver e localizar-se na situação descrita, razão pela qual aspectos de espaço, tempo e certas condições são considerados para conhecer a realidade histórica através da qual transita o/a narrador/a¹².

Alguns aspectos a considerar nas narrativas são que elas podem colocar em tensão a relação dicotômica entre "pesquisadores e sujeitos de estudo". A este respeito, é possível enfatizar o contexto de produção das narrativas, a influência do/a pesquisador/a, a circunstância social da produção e a interpretação das narrativas, questionando o "para que", "quando" e o "porquê" estão sendo produzidas¹¹. Além disso, no esforço para gerar uma horizontalidade forçada, que muitas vezes resulta em um aspecto mais discursivo do que prático, diferentes autoras¹¹ propuseram que, ao invés de omitir essa relação, criando uma falsa horizontalidade, se deve visibilizar esta trama de poder para assim se estabelecer uma "negociação democrática" no processo de pesquisa³⁰.

Ao mesmo tempo, no processo de construção de narrativas, pode-se gerar uma tensão entre a interpelação bidirecional (esperada) e a reflexividade constante. A tensão desta proposta é gerada em torno da preocupação feminista da horizontalidade na relação que permite a/o participante expressar suas opiniões e preocupações sobre o fenômeno ou situação e, uma segunda preocupação feminista, seria de realizar uma crítica e manter uma posição política frente a certas situações. Argumenta-se que as instâncias de produções narrativas podem ser um espaço de reflexividade, mas que pode ser dificultado quando não há articulação com a pessoa que proporciona espaço para o debate e a crítica¹¹.

A perspectiva transacional ou o transacionalismo, associado às narrativas, nos permite entender o significado das ocupações de forma mais complexa, contextualizada e implicada na vida das pessoas. Neste sentido, "fornece uma perspectiva útil a partir da qual se observa as camadas complexas e interconectadas sobre o "significado" das ocupações³¹ (p. 48). Uma vez que considerar a indivisibilidade entre pessoas, ocupações e contextos, implicitamente corresponde entender que os significados dados a essas determinadas situações incluem: (1) as próprias subjetividades, com quem a desenvolvemos e as outras pessoas que convergem (ou convergiram) durante a transação; (2) as situações em que realizamos, isto é, considerando o contexto físico, social, virtual, político, econômico, etc. onde ocorre a ocupação; e (3) como nossas ocupações são contextualizadas e compreendidas de forma abrangente em termos de (a) *passado*, contexto sócio-histórico, considerando como ela foi concebida e constituída ao longo da história, integrando a cultura e as tradições nesse processo, (b) *presente*, o que implica para cada pessoa no momento de realizar uma ocupação e (c) *futuro*, considerando quais expectativas ou pretensões são sugeridas para o desempenho das ocupações, isso implica diferentes ações ou projeções de objetos³¹.

Além disso, ao integrar a perspectiva interseccional feminista ao transacionalismo, juntamente com o método narrativo, possibilita evidenciar os diferentes sistemas de opressão que operam no processo de execução de ocupações. Ou seja, o transacionalismo e as narrativas nos oferecem uma perspectiva sócio-histórica das ocupações, que nos permite a reconstrução de uma situação ocupacional que resgata o valor cultural, pessoal e social de uma ocupação. A interseccionalidade nos permite mostrar como esses contextos ou diferentes aspectos aparecem na cena, determinando os significados, a própria execução ou a imposição na execução das ocupações.

As ocupações que mulheres migrantes realizam em um contexto diferente do seu país de origem, podem servir como exemplo que integra essas perspectivas. A partir desta lógica, com o uso das narrativas, é possível interpretar o modo como o transacionalismo expressa as ocupações realizadas em contexto histórico, social e cultural específico e a interseccionalidade revela, apresenta e promove uma leitura dos sistemas a partir das histórias das pessoas, considerando os sistemas de opressão que funcionam restringindo ou facilitando o desempenho ocupacional das pessoas.

Nesta direção, apresentamos uma investigação realizada no Chile, a partir da perspectiva transacional e procedimentos metodológicos com narrativas, interessada nas ocupações que as mulheres migrantes realizam em suas vidas cotidianas e como foram modificadas de acordo com o processo de adaptação cultural e social. Assim, foi perceptível como a tradição histórica cruza com os aspectos contextuais, os requisitos das situações atuais e as projeções futuras de ocupações que são modificadas, muitas vezes sem a intencionalidade dessas mulheres³².

Da mesma forma, se interligou com a perspectiva interseccional, pois evidenciou como os sistemas de opressão de Hill-Collins²⁵ funcionaram limitando as possibilidades ocupacionais dessas mulheres. As políticas de migração, como domínios estruturais e disciplinares expressados na falta de suporte econômico, diminuição das facilidades para regularizar legalmente a permanência no país e a complexa burocracia para realizar os trâmites de permanência, juntamente com os domínios hegemônicos e interpessoais, expressos em preconceitos, racismo, xenofobia e maus tratos nas relações dessas mulheres determinam e restringem as ocupações que essas mulheres podem realizar. Soma-se ainda, a uma perspectiva de gênero, que demonstra como os sistemas de opressão têm trajetórias transacionalistas que determinam as ocupações dessas mulheres.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou como a integração entre as perspectivas do transacionalismo, da interseccionalidade feminista e o método narrativo, em especial o relato de histórias de vida, podem oferecer aportes teórico-metodológicos para a investigação em terapia ocupacional e em ciência ocupacional de forma a produzir saberes e fazeres críticos, coerentes e complexos com o foco no estudo das ocupações, necessários para nossa atualidade global.

Essas perspectivas também se demonstram coerentes com o paradigma crítico já que focalizam a análise na linguagem e permitem estudar a relação dos processos histórico-culturais na construção de identidades e de diferentes experiências centradas na execução de ocupações contextualizadas, considerando suas trajetórias sócio-históricas.

Estas perspectivas permite compreender as bases que contribuem para a manutenção de uma sociedade desigual e que dificultam sua transformação. Considerando ainda que, as narrativas podem dar voz as experiências e aos discursos contra hegemônicos e socialmente legitimados.

Tudo o que precede assume especial relevância na retomada da perspectiva fundacional holística da Terapia Ocupacional, focalizando o interesse nos vários elementos interligados que produzem a ocupação, em vez de se concentrarem unicamente em sua execução ou em uma dada individualidade.

Referências

1. Morrison R, Olivares D, Vidal D. **La filosofía de la Ocupación Humana y el Paradigma Social de la Ocupación. Algunas reflexiones y propuestas sobre epistemologías actuales en Terapia Ocupacional y Ciencias de la Ocupación.** The Philosophy of Human Occupation and the Social Paradigm of the Occupation. Some reflections and suggestions on current epistemologies in Occupational Therapy and Occupational Science]. Revista Chilena de Terapia Ocupacional. 2011; 11(2):102-119. < DOI: 10.5354/0719-5346.2011.17785>
2. Morrison R. **Pragmatist Epistemology and Jane Addams: Fundamental Concepts for the Social Paradigm of Occupational Therapy.** Occupational Therapy International. 2016; 23(4):295-304. < DOI: 10.1002/oti.1430>
3. Shank K, Cutchin M. **Transactional occupations of older women aging in place: Negotiating change and meaning.** Journal of Occupational Science. 2010; 17(1):4-13. < <https://doi.org/10.1080/14427591.2010.968666>>
4. Dickie V. **Are occupations 'processes too complicated to explain'? What we can learn by trying.** Journal of Occupational Science. 2010; 17(4):195-203. <https://doi.org/10.1080/14427591.2013.781920>
5. Aldrich R. **From complexity theory to transactionalism: Moving occupational science forward in theorizing the complexities of behavior.** Journal of Occupational Science. 2008; 15(3):147-156. < <https://doi.org/10.1080/14427591.2008.9686624>>
6. Kuo A. **A Transactional View: Occupation as a Means to Create Experiences that Matter.** Journal of Occupational Science. 2018; 18(2):131-138. <https://doi.org/10.1080/14427591.2011.575759>
7. Esguerra C, Bello JA. **Interseccionalidad y políticas públicas LGBTI en Colombia: usos y desplazamientos de una noción crítica.** Revista de Estudios Sociales. 2014; 49:19-32.
8. Mora-Ríos J, Bautista N. **Estigma estructural, género e interseccionalidad: Implicaciones en la atención a la salud mental.** Salud Mental. 2014; 37(4):303-312.
9. Crenshaw K. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color.** Stanford Law Review. 1991; 43(6):1241-1299.
10. McCall L. **The Complexity of Intersectionality.** Signs: Journal of Women in Culture and Society. 2005; 30(3):1771-1800.
11. Troncoso L, Galaz C, Alvarez C. **Las Producciones Narrativas como metodología de investigación feminista en Psicología Social Crítica: tensiones y desafíos.** Psicoperspectivas. 2017; 16(2):20-32.
12. Blanco M. **Investigación narrativa: una forma de generación de conocimientos.** Argumentos (México, DF). 2011; 24:135-156.
13. Kielhofner G. **Modelo de ocupación humana: teoría y aplicación** [Model of Human Occupation: theory and application]. Buenos Aires: Ed. Médica Panamericana; 2004.
14. Zemke R, Clark F. **Occupational science: The evolving discipline.** Philadelphia: FA Davis Company; 1996.
15. Dickie V, Cutchin MP, Humphry R. **Occupation as transactional experience: A critique of individualism in occupational science.** Journal of Occupational Science. 2006; 13(1):83-93. <DOI: 10.1080/14427591.2006.9686573>
16. Cutchin M, Dickie V. **Transactionalism: Occupational science and the pragmatic attitude.** In: Whiteford G, Hocking C, eds. Occupational Science: Society, Inclusion, Participation. Oxford: Wiley-Blackwell; 2012. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14427591.2006.9686573>

17. Galheigo S. **Perspectiva crítica y compleja de Terapia Ocupacional, actividad, cotidiano, diversidad, justicia social y compromiso ético y político.** Revista Terapia Ocupacional Galicia. 2012; Monográfico 5:176-187. <http://www.revistatog.com/mono/num5/compromiso.pdf>
18. Guajardo A, Galheigo SM. **Reflexiones críticas acerca de los derechos humanos: Contribuciones desde la terapia ocupacional Latinoamericana** [Critical Reflections on Human Rights: Contributions from Latin American Occupational Therapy]. World Federation of Occupational Therapists Bulletin. 2015; 71(2):73-80.
19. Morrison R, Guajardo A, Schliebener M. **Conferencia: Debates y reflexiones para una Ciencia de la Ocupación crítica y social. Diálogos para comprender la Ocupación Humana** [Conference Proceedings: Debate and reflections for a critical and social Occupational Science. Dialogues to understand Human Occupation]. Revista Argentina de Terapia Ocupacional [Argentine Journal of Occupational Therapy]. 2016; 1(2):40-58.
20. Galvaan R. **Occupational choice: the significance of socio-economic and political factors.** In: Whiteford G, Hocking C, eds. Occupational Science: Society, Inclusion, Participation. Oxford, UK: Wiley-Blackwell; 2012: 152-161.
21. Morrison R. **Terapia Ocupacional y Pragmatismo. Contribuciones teóricas para la práctica.** Santiago de Chile. Editorial Universitaria; 2017.
22. Heidegger M. **Ser y tiempo.** 4a. ed. Santiago. Universitaria; 2005.
23. Dewey J. **The school and society.** En Ann Boydston (Ed.) (2008), Middle works of John Dewey 1899-1924. 1a ed. Carbondale. Southern Illinois University Press; 1899.
24. Magliano MJ. **Interseccionalidad y migraciones: potencialidades y desafíos.** Revista Estudos Feministas. 2015; 23:691-712.
25. Hill-Collins P. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment.** New York: Routledge; 1990.
26. Hill-Collins P. **Gender, black feminism, and black political economy.** The Annals of the American Academy of Political and Social Science. 2000; 568(1):41-53.
27. Haraway D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos pagu. 1995; (5):7-41.
28. Cornejo M. **El enfoque biográfico: trayectorias, desarrollos teóricos y perspectivas.** Psykhe (Santiago). 2006; 15(1):95-106.
29. Cornejo M, Mendoza F, Rojas RC. **La investigación con relatos de vida: pistas y opciones del diseño metodológico.** Psykhe (Santiago). 2008; 17(1):29-39.
30. Cordero MC. **Historias de vida: Una metodología de investigación cualitativa.** Revista Griot (Etapa IV-Colección completa). 2012; 5(1):50-67.
31. Hocking C, Reed K. **Resituating the Meaning of Occupation: A Transactional Perspective.** In: Cutchin M, Dickie V, eds. Transactional Perspectives on Occupation. New York: Springer; 2013: 39-50.
32. Herrera A, Llambias V, Morrison R. **Mujeres migradas en Chile: experiencias y ocupaciones cotidianas desde la interseccional feminista** [Tesis de grado]. Santiago de Chile: Departamento de Terapia Ocupacional y Ciencia de la Ocupación, Universidad de Chile; 2017.

* Este documento é parte do marco teórico de uma pesquisa maior, intitulada: *Mujeres migradas en Chile: experiencias y ocupaciones cotidianas desde la interseccional feminista*. O marco desta monografia de graduação de Almendra Herrera Ferrufino e Viviana Llambias Miranda, foi orientada por Rodolfo Morrison e financiada pelo Departamento de Terapia Ocupacional e Ciência da Ocupação da Universidade do Chile (2017).

Contribuição das autoras e autor: **Almendra Ferrufino, Viviana Miranda, Rodolfo Morrison e Gabriela Yates**, realizaram a busca, seleção e análise da informação. **Rodolfo Morrison** estruturou e editou o documento. **Carla Silva** realizou a inserção de aportes teóricos no documento, realizou a revisão e a edição final, assim como foi responsável pela tradução do texto para o português. Todas as autoras e autor aprovaram a versão final do texto.

Submetido em: 17/04/2018

Aceito em: 09/08/2018

Publicado em: 31/01/2019